

# A CONVIVÊNCIA ENQUANTO MÉTODO DE PESQUISA: PISTAS SOBRE A REALIDADE DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA ATRAVÉS DA ESQUIZOANÁLISE

Maria Luiza Adoryan Machado  
Gabriela Felten Da Maia

## RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo central a contextualização de algumas das especificidades no modo de ser e estar de pessoas que vivem em situação de rua na cidade de Santa Cruz do Sul (RS). Para tanto, foi utilizada a perspectiva da esquizoanálise enquanto potencialidade de pesquisa, e a partir das intervenções realizadas nas ruas do município e em um serviço público específico – que, atualmente, é referência que dispõe de cama, alimentação e banho para pessoas desabrigadas – foi identificado que o fenômeno “convivência” se configura como um elemento fundamental e integrador no que se refere aos dados encontrados que compõem algumas pistas sobre os modos de ser/estar/viver na realidade de rua. Sendo assim, a partir de uma convivência entre estudantes e pessoas que vivem em situação de rua houveram diversas situações de trocas e construção de novos olhares e saberes sobre as especificidades que emergem da realidade de rua. O fenômeno convivência citado no presente trabalho emerge de um trabalho coletivo realizado no município desde 2014, nomeado “Coletivo RUAS (Resistências Urbanas = Aprendizados Subversivos)”, em que estudantes, professores/as, pessoas em situação de rua e comunidade em geral promovem encontros e ações para pensar a realidade de rua para além dos estereótipos. A partir deste ensaio foi possível identificar uma lacuna sobre o assunto em estudo no município em questão, desde a falta de estudos que promovam discussões sobre as especificidades encontradas neste contexto e das estratégias higienistas adotadas por profissionais que atuam diretamente com esta população.

**Palavras-chave:** Coletivo RUAS. Convivência. Estereótipo. Esquizoanálise. População em situação de rua.

## INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem como objetivo central a contextualização de algumas especificidades encontradas no modo de ser e estar de pessoas que estão ou que vivem<sup>1</sup> em situação de rua na cidade de Santa Cruz do Sul (RS), além de identificar alguns dos processos grupais existentes nesta realidade. Para tanto, foi realizada uma junta coletiva em um serviço público municipal - que é referência em assistência social para essa população - como proposta de aproximação dos/as estudantes com as pessoas presentes nesse dia (profissionais do serviço e pessoas em situação de rua).

Sendo assim, este ensaio de cunho etnográfico e que utiliza a perspectiva da esquizoanálise, propõe-se a organizar algumas pistas que compõem um arranjo de

---

1 Aqui utiliza-se a diferenciação de estar ou de viver em situação de rua conforme visto em Junior *et al* (1998), quando “estar” na rua é algo recente e “viver” na rua é uma permanência mais prolongada, em que a rua passa a ser um lugar de referência e espaço de relações.

especificidades sobre os processos grupais na realidade de pessoas que vivem em situação de rua. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica em livros e artigos eletrônicos que discutem sobre os aspectos que contextualizam a realidade em estudo e, a partir disso, identificou-se a falta de produção sobre esta realidade no contexto do município em questão.

Vale ressaltar que este ensaio é um recorte de um trabalho que já vem sendo realizado desde 2014 pelos/as mesmos/as estudantes com a realidade da população em situação de rua na cidade em questão através do Coletivo RUAS (Resistências Urbanas = Aprendizados Subversivos)<sup>2</sup>, que é um grupo de estudantes, professores/as, pessoas em situação de rua e comunidade em geral que buscam conhecer, problematizar e desmistificar a realidade de rua através de ações coletivas na cidade.

### **População em situação de rua: algumas aproximações**

Sabendo que a população em situação de rua é identificada como um “segmento da sociedade, historicamente à margem das prioridades dos poderes públicos” e que “em comum possuem a característica de estabelecer no espaço público da rua seu palco de relações privadas” (BRASIL, 2009), não podemos generalizar os diversos aspectos que emergem desta realidade; que, a partir dos processos de estigmatização de tal população, são reproduzidas, através do senso comum, diversas formas de exclusão e violências que não superam o estranhamento àquilo que desvia das normas sociais; das normalidades diariamente reproduzidas e internalizadas.

De uma forma geral, a população em situação de rua configura-se enquanto

grupo populacional heterogêneo, caracterizado por sua condição de pobreza extrema, pela interrupção ou fragilidade dos vínculos familiares e pela falta de moradia convencional regular. São pessoas compelidas a habitar logradouros públicos (ruas, praças, cemitérios, etc.), áreas degradadas (galpões e prédios abandonados, ruínas, etc.) e, ocasionalmente, utilizar abrigos e albergues para pernoitar (BRASIL, 2009, p. 2).

Segundo Novak (1997, *apud* BRASIL, 2009, p. 3) a existência de indivíduos em situação de rua torna patente a profunda desigualdade social brasileira, e insere-se na lógica do sistema capitalista de trabalho assalariado, cuja pobreza extrema coaduna-se com seu funcionamento. Carvalho (2002, *apud* BRASIL, 2009, p. 3) aponta que, sendo um fenômeno presente na sociedade brasileira desde a formação das primeiras cidades, a existência de pessoas em situação de rua, traz na própria denominação “rua” a marca do

---

2 Sobre a formação do Coletivo RUAS e demais ações realizadas ler: MACHADO, M. L. A.; MAIA, G. F. da. “Não querem me enxergar, mas eu existo”: a problematização da população em situação de rua na cidade de Santa Cruz do Sul. Em: ALMEIDA, P. C. S. Et al. **Conhecimento: uma aventura interdisciplinar no ensino e na extensão da UNISC** [recurso eletrônico]. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2016. Disponível em: <<http://www.unisc.br/edunisc>>. Acesso em: 10 de junho de 2017.

estigma e da exclusão a que são submetidas.

A partir de estudo realizado por Junior *et al* (1998, p. 25) na cidade de São Paulo, foi identificado que essa população fixa-se predominantemente nas áreas centrais das cidades, onde comércio e serviços em geral se concentram, atraindo maior afluxo de pessoas, o que possibilita a obtenção de alimentos e alguns recursos financeiros, sendo que, no período noturno, esses locais ficam praticamente despovoados e se transformam em abrigos.

É possível relacionar tais aspectos do estudo citado com a realidade do município de Santa Cruz do Sul, em que as relações de trabalho possuem alta importância na vida destes sujeitos, sendo que de todas as conversas já realizadas com esse grupo, o assunto ressurge:

*o meu sonho é ter a carteira assinada (...) eu sempre trabalhei frio em obra, em xácara no interior, cuidando de pátio, o que aparecia eu fazia (...) a gente tá na rua, mas a gente precisa de trabalho pra se ocupar, ocupar a mente, se não cai na droga de novo (...) eu só ando assim mais ajeitado, cuidando um pouco mais de mim pra tá atrás de trabalho, pra me apresentar em obra e ver o que aparece<sup>3</sup> (entrevista realizada com João<sup>4</sup> que vive em situação de rua há mais de dez anos).*

Cruz (2009, p. 2) afirma que trata-se de uma população que apresenta uma outra forma de organização de vida, muitas vezes com ausência de trabalho, de documentação, de residência, de vínculos sociais estáveis e até mesmo de recusa aos meios tradicionais de assistência, onde o cuidar geralmente significa institucionalizar.

*Já vivi em muito canto por aí que eu tinha meu colchão, minha mochila e minha coberta (...) catava material o dia todo, voltava pro meu canto, fazia uma bóia ali mesmo com a panela que eu levo na mochila, dormia e depois no outro dia tudo de novo (...) assim a gente vai indo até que alguém apareça pra nos tirar (...) sempre fiquei sozinho, é mais fácil, mas pra dormir, dependendo do lugar que é, ter alguém dormindo junto é mais segurança (...) o pessoal não tá nem aí, taca coisa em nós, chama a guarda, e quando vê tá levantando a tapa e chute (...) não adianta reclamar, sai daqui e vai pra lá, de uma rua pra outra, do albergue pra rua, do parque pro albergue... é assim (entrevista realizada com Ricardo que vive em situação de rua há mais de quatro anos).*

Com a fala de Ricardo, permeada de características singulares do fenômeno estar/viver em situação de rua e pautada na vigilância – praticada por serviços públicos – sobre os corpos que habitam as ruas, das práticas higienistas que promovem o afastamento da realidade para longe da sociedade, emerge a problemática da atuação de profissionais que trabalham diretamente com pessoas que vivem nesta realidade:

*O que achamos muito difícil de fazer é uma comunicação clara e direta com profissionais que trazem em suas falas o peso de um preconceito internalizado que é disparado contra essas vidas que transformam a ideia*

---

3 As falas de entrevistados/as estarão em formato itálico para diferenciar de citações bibliográficas.

4 Os nomes de entrevistados/as citados no presente ensaio são fictício.

*do que é estar e viver num contexto tão específico que é a realidade de rua. Sempre que conversamos com alguns destes profissionais, dependendo de que lugar estes falam, é um discurso higienista de que “a rua não é lugar pra morar”, “na rua só existe a tentação de fazer o uso de drogas, não tem outra serventia” e que “não adianta aplicar muito esforço, porque a maioria é caso perdido”. A potência desses discursos transitam entre os mais diversos serviços, na boca das mais diversas pessoas e vidas que perderam – ou nunca tiveram – uma sensibilidade necessária para ouvir/enxergar a realidade de rua para além dessa cortina de preconceito enraizado (...) é um exercício constante que deve ser feito para não cair numa dicotomia com as vidas que habitam as ruas, e que acaba sendo uma reação em cadeia com todos os aparatos públicos envolvidos nas políticas públicas que deveriam acolher, amparar e promover os direitos humanos dessa população (entrevista realizada com membro do Coletivo RUAS).*

## **METODOLOGIA**

Este ensaio de cunho etnográfico e com perspectiva esquizoanalítica propõe apontar algumas pistas sobre as especificidades que formam o arranjo singular de vidas que habitam as ruas no município de Santa Cruz do Sul. Para tanto, foi utilizado o método de pesquisa-intervenção como proposta inicial para aproximação do grupo com a realidade em estudo.

Conforme Rocha e Aguiar (2004, p. 65) a pesquisa-intervenção está centrada no agir, através de uma metodologia exploratória, tendo seus objetivos definidos no próprio campo de atuação (...) e os (...) seus resultados estão vinculados à tomada de consciência dos fatores envolvidos nas situações de vida da população em estudo.

Segundo Peres et al (2000, p. 35) a esquizoanálise (análise de partes, pedaços, linhas ou estilhaços) poderia ser entendida como uma ética estética de valorização da vida; seria uma perspectiva e não uma metodologia. Deleuze e Guattari (apud Peres et al, 2000, p. 35) apontam que

a esquizoanálise não incide em elementos nem em conjuntos, nem em sujeitos, relacionamentos e estruturas. Ela só incide em lineamentos, que atravessam tanto só grupos quanto os indivíduos.

O autor também aponta que para a perspectiva em questão são valorizadas atitudes que produzem uma vida mais vibrátil e pulsante. Existiriam infinitas formas de existência. Não haveria, portanto, o dualismo platônico (certo/errado, bela/feia, bom/mal) que serve como pressuposto para as classificações nosográficas; não haveriam rótulos nem verdades absolutas (PERES *et al*, 2000, p. 37).

## **RESULTADOS**

Sabe-se que o campo psicológico é um espaço de vida considerado dinamicamente, onde se levam em conta não somente o indivíduo e o meio, mas também a totalidade dos

fatos coexistentes e mutuamente independentes. (BOCK, 1999, p. 19). Com isso, afirmamos que é de extrema importância passar a visualizar a psicodinâmica existente na realidade da pessoa que está ou que vive em situação de rua, sendo enquanto proposta de intervenção ou de análise etnográfica, na tentativa de vincular o olhar e escuta sensível às práticas direcionadas a este grupo populacional.

De acordo com o Manual Sobre o Cuidado à Saúde a População em Situação de Rua (BRASIL, 2012, p. 33),

(...) é preciso reconhecer quem é essa população em situação de rua, por meio de censos, cartografias, mapeamento de área, estudos antropológicos, sociológicos e etnográficos, ou seja, diferentes nomes e mecanismos para que seja possível identificar quem são as pessoas em situação de rua, onde elas costumam ficar, como se relacionam com a comunidade, os serviços públicos e estabelecimentos privados, como acessam os programas assistenciais, quais são as dificuldades que apresentam, quais os recursos comunitários disponíveis e que parcerias intersetoriais e interinstitucionais podem ser firmadas.

Para contextualizar as especificidades da realidade da população em situação de rua no município em questão serão apontadas algumas pistas conforme levantadas em entrevistas realizadas pelo Coletivo RUAS, que faz o uso de metodologias ativas de convivência social como ferramenta fundamental na tentativa de conhecer e se aproximar dessa população:

- Algumas pessoas em situação de rua preferem dormir com mais pessoas por perto, ou até com um cachorro de estimação, na tentativa de afastar situações de violência nas ruas;
- Algumas pessoas em situação de rua acreditam que se deixarem a barba e o cabelo por fazer, há maior possibilidade de doação de alimentos, roupas e demais objetos necessários para sua sobrevivência;
- Algumas pessoas em situação de rua preferem não acessar o serviço público que dispõe de cama, alimentação e banho por conta das regras existentes no local e de possíveis conflitos ocorridos entre os frequentadores (pessoas que também estão em situação de rua);
- Algumas pessoas em situação de rua aderem ao tratamento químico no CAPS AD III, mas após o término do mesmo, retornam à realidade de rua e ao uso abusivo de substâncias;
- Algumas pessoas em situação de rua buscam acessar serviços públicos de saúde e de assistência social e não são atendidas;
- Algumas pessoas em situação de rua preferem se alimentar em local afastado de outras pessoas na mesma condição para não compartilhar o seu alimento, na

tentativa de alimentar-se mais ou melhor;

- Algumas pessoas em situação de rua compartilham tudo que dispõe consigo – alimento, roupa, sapato, cigarro, bebida, etc -, pois identifica a necessidade de ajudar o/a outro/a;
- Algumas pessoas em situação de rua mantêm vínculo familiar e visitam frequentemente estes/as, mas retornam à sua vida nas ruas;
- Existem famílias vivendo em situação de rua (mãe, pai, filho, primo, etc);
- Algumas pessoas em situação de rua preferem viver em matas e embaixo de pontes que dificultam o acesso de serviços públicos (Consultório na Rua, Redução de Danos, Ronda Social, Guarda Municipal, etc);
- Cerca de 50 pessoas que vivem em situação de rua na cidade em questão já sofreram algum tipo de violência verbal e/ou física por profissionais de serviços públicos e/ou sociedade em geral;
- Algumas pessoas em situação de rua participam ativamente dos encontros promovidos pelo Coletivo RUAS, demonstrando interesse em participar de debates sobre a realidade de rua;
- Algumas pessoas em situação de rua buscam pernoitar em casas/prédios abandonados; e assim, formam-se alguns grupos que passam a noite nestes locais;
- Algumas pessoas em situação de rua escondem os seus poucos objetos pessoais em matas ou esconderijos específicos para não perder ou ter estes furtados;
- Algumas pessoas em situação de rua aceitam convites para participar de aulas e eventos na UNISC; e assim, promovem debates pautados na vivência do que é ser/estar/viver em situação de rua.

A partir das poucas pistas elencadas que caracterizam um pouco da imensidão de especificidades que é estar/viver em situação de rua, e de forma geral, da discussão proposta neste ensaio, é possível identificar que os processos grupais no contexto em estudo configuram-se de forma espontânea e assimétrica, de acordo com as especificidades de cada sujeito que passa a estar/viver na realidade de rua, independente da causa por estar nessa condição. As relações vão se estabelecendo de acordo com a convivência, com as necessidades e imprevistos que surgem, mediante estratégias criadas pelos próprios sujeitos.

## **DISCUSSÃO**

Através do método de pesquisa-intervenção, pautado na potência da convivência, foi possível ter maior aproximação com a realidade de quem transforma um local público em seu lar, fonte de sustento, espaço para construção de laços sociais e etc, pois há toda uma

(re)configuração deste espaço para que sejam igualmente tratadas as demandas do sujeito que viveu parte de sua vida sob um teto, e com alguns recursos que a rua não dispõe:

*Ninguém tá na rua porque quer, alguma coisa deu muito errado que não teve outro jeito (...) hoje eu venho mais noite pro albergue e tomo banho aqui, lavo minha roupa (...) quando não tem como a gente dá outro jeito, tem torneira na pista de skate, tem banheiro na catedral, tem torneira e churrasqueira lá na Oktober (...) pede aqui e pede ali sempre dá alguma coisa né (...) mas pior que o frio não tem, é a época que o pessoal mais se altera por causa da maldita [cachaça] né, aí se perde mesmo (entrevista realizada com Pedro que vive em situação de rua há mais de quatro anos).*

A partir disso, também vale apontar alguns aspectos que emergem do olhar e escuta sensíveis das/os que não vivem na realidade de rua – estudantes, professoras/es, comunidade em geral que integram as propostas do Coletivo RUAS –, mas que através da convivência, do viver com e não para, e das possibilidades de interlocução, sentem-se tocadas/os pelos modos de subjetivação singulares e do próprio setting – a rua, o viver na realidade de rua – que abarcam sentimentos e estranhamentos nas pessoas que passam alguns momentos em meio a esta realidade:

*Já realizamos diversos encontros nos últimos anos em que identificamos várias estratégias adotadas por quem está ou que vive em situação de rua para que esse local aberto – praças, parques, terrenos baldios, locais abandonados, garagens abertas e etc – se aproxime à ideia do que é um lar, do que é um local adequado para viver e suprir necessidades primordiais. Nunca vou esquecer de uma entrevista que marquei com uma mulher em situação de rua lá na praça do skate e que, quando cheguei lá, ela estava varrendo um pedaço de chão com grama e terra, e disse pra mim: vamos entrando que tô só dando um tapinha aqui no chão pra tomarmos café da manhã. De cara aquilo já me emocionou e me fez enxergar a rua além dos estereótipos (entrevista realizada com membro do Coletivo RUAS).*

Entendendo que a pessoa em situação de rua, no seu processo de exclusão, sofre rupturas familiares, sociais e afetivas, tendo que necessariamente vivenciar novas formas de se relacionar em contextos sociais marcados pela desumanização e caracterizados por estigmas, violência e segregação, o que o incita a ressignificar sua inserção no andar a vida (TRINO et al, 2012, p. 97), consideramos importante ressaltar a urgência em sensibilizar o olhar e a escuta em relação a essa realidade, e ainda, da humanização dos atendimentos realizados aos/às mesmos/as, dado ao reconhecimento da psicodinâmica de relações e modos de subjetivação desta população a partir de seu contexto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este ensaio se propôs a (re)pensar a realidade de rua para além dos estereótipos, pois a rua não deve ser vista somente como lugar de circulação entre espaços privados, uma espécie de limbo entre situações reconhecidas, mas como espaço em si, tão abarcador

e produtor de realidades como qualquer outro. (BRASIL, 2009, p. 4). Sendo assim, estar na rua é ocupá-la, não como violação do espaço limpo e vazio (BRASIL, 2009, p. 4), mas enquanto espaço de potência social e individual, onde se faz modos de subjetivação e ressignifica os modos de ser e estar no mundo.

Por isso, acredita-se que é preciso desconstruir a bipolaridade ontológica entre normal e anormal colocada para as pessoas em situação de rua, considerando a produção e reprodução de identidades sociais (BRASIL, 2009, p. 4) e possíveis modos de subjetivação e das potencialidades que tal contexto apresenta.

Identificando o viés em que a Psicologia pode atuar diretamente com tal realidade, também se vê a necessidade de transitar pela cidade, circular pelas ruas, estar no território e perto das redes sociais destas pessoas enquanto possibilidade fundamental para criação e sustentação de vínculos onde o cuidado pode se dar também no próprio local, sem, necessariamente, culminar com a internação ou mesmo na ida para um serviço de forma compulsória ou involuntária. (CRUZ, 2009, p. 4).

Conforme visto em estudo realizado por Machado e Maia (2016), faltam produções acadêmicas e discussões em diferentes espaços sobre a realidade da população em situação de rua na cidade de Santa Cruz do Sul. Por isso, no presente ensaio houve um certo esforço na elaboração de pistas que dessem conta das especificidades de tal realidade para não generalizar dados e também “para não deixá-los escaparem por entre os dedos”. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p.8).

Vale ressaltar que desde 2014, os estudantes e professores que compõem o Coletivo RUAS mobilizam para que pessoas em situação de rua participem de aulas expositivas e demais eventos na Universidade de Santa Cruz do Sul. E, a partir destes momentos coletivos em que a realidade de rua adentra os muros desta instituição, os sujeitos que ali transitam, que habitam este local privado e que, diariamente, produzem olhares e saberes sobre as mais diversas realidades e contextos, há o encontro direto entre as pessoas que vivem a realidade de rua, que transformam este espaço conforme as suas demandas e necessidades e, assim, recriam os seus modos de subjetivação, com as pessoas que não vivem a realidade de rua. Essa ruptura do muro invisível que separa as duas realidades possibilita potentes interlocuções que produzem novos olhares e saberes sobre o que era, até então, desconhecido – dos/as que não vivem a realidade da comunidade acadêmica e dos/as que não vivem a realidade de rua.

Em relação ao encontro e interlocução entre realidades pensamos à luz do que Freitas (2010, apud DAMIANI, 2012, p. 2) aborda quando aponta que Vygotsky supunha “que toda a ação humana interfere no objeto de estudo, em seu contexto e em seus participantes, neles provocando alterações, transformações”. E ainda, quando Robson

(1995, *apud* DAMIANI, 2012, p. 4) entende as intervenções como “pesquisas no mundo real”, ou seja, pesquisas sobre e com pessoas, fora do ambiente protegido de um laboratório, característica que as distingue dos procedimentos clássicos orientados pelo paradigma da ciência experimental.

Sendo assim, entende-se que o fenômeno convivência opera nos mais diversos espaços, com as mais diversas realidades e com as mais diversas demandas, em que se enfatiza a possibilidade de interlocução entre realidades ímpares em alguns aspectos e pares entre tantos outros. Partindo deste pressuposto, João aponta um ponto importante sobre a potência do encontro:

*(...) desde aquele dia que eu fui na UNISC conhecer, saber quem fica lá estudando, sobre o que falam e que também ficaram me escutando falar, eu vi que eu também podia terminar aquilo que eu deixei parado lá atrás. Não tem porque eu ter vergonha de tá agora na sexta série do EJA, eu sei que eu me esforçando pra ir todo dia que tem aula é mais uma etapa que eu consigo passar (...) eu também posso um dia tá ali na UNISC estudando pra ser doutor, pra escutar as pessoas e ajudar as pessoas (...) vocês vem passar a tarde com nós, pra saber sobre nós, pra fazer bóia com a gente, isso tudo pode ser uma coisa só da vida mesmo, não precisa ser só quando tá estudando (entrevista realizada com Pedro que vive em situação de rua há mais de dez anos).*

Através do presente ensaio foi possível identificar a necessidade do uso de metodologias ativas de convivência como proposta fundamental de aproximação com a realidade em estudo. Sabendo que a rua é permeada de especificidades que são ocultadas por normas sociais que geram discriminação, violência e exclusão social, vale a emergência de estudos, espaços de debate, intervenções e demais ações que promovam a desconstrução do preconceito e a humanização sobre tal realidade.

De uma forma geral, constatou-se que há amplo referencial bibliográfico acerca da realidade da população em situação de rua a nível nacional, mas que há uma lacuna sobre tal contexto no município de Santa Cruz do Sul. Acredita-se que há extrema necessidade de discutir, problematizar e desconstruir os estigmas que moldam a figura que vive em situação de rua neste local, dada a demanda dos problemas existentes na relação desta população com alguns serviços públicos e com a própria sociedade que reproduz formas de preconceito, discriminação e violências contra as especificidades de ser/estar/viver na realidade de rua.

## REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. Decreto Presidencial nº 7.053, de 23 de Dezembro de 2009. *Política Nacional para a População em Situação de Rua*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, Seção 1, 24 dez.

2009. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm)>. Acesso em: 08 jun 2017.

COSTA, A.; JUNIOR, N. C.; NOGUEIRA, E. A.; LANFERINI, G. M.; ALI, D. A.; MARTINELLI, M. Serviços de saúde e população de rua: contribuição para um debate. São Paulo: *Revista Saúde e Sociedade*, n.7, p. 47-62, 1998.

CRUZ, L. B. *População em situação de rua e saúde mental*. Rio de Janeiro: Rede Humaniza SUS, 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizasus.net/default/files>>. Acesso em: 08 jun 2017.

DAMIANI, M. F. *Sobre pesquisas do tipo intervenção*. Campinas: Junqueira & Marin Editores, n° 3, 2012.

MACHADO, M. L. A.; MAIA, G. F. da. “Não querem me enxergar, mas eu existo”: a problematização da população em situação de rua na cidade de Santa Cruz do Sul. Em: ALMEIDA, P. C. S. *et al. Conhecimento: uma aventura interdisciplinar no ensino e na extensão da UNISC* [recurso eletrônico]. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2016. Disponível em: <<http://www.unisc.br/edunisc>>. Acesso em: 10 jun 2017.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PERES, R. S; BORSONELLO, C; PERES, W. S. A esquizoanálise e a produção da subjetividade: considerações práticas e teóricas. *Psicologia em Estudo*. Departamento de Psicologia – Universidade Estadual de Maringá (UEM), v. 5, m. 1, p. 35-43, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v5n1/v5n1a03.pdf>>. Acesso em: 12 jul 2017.

TRINO, A.; RODRIGUES, R. B.; JUNIOR, A. G. R. A população em situação de rua e seus territórios. Em: BRASIL. *Manual Sobre o Cuidado à Saúde a População em Situação de Rua*. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.